

2 A imagem de Deus na modernidade

O presente trabalho tem um pano de fundo sobre o qual se desenvolve o objeto fundamental da pesquisa que será apresentado neste primeiro capítulo. Para tanto, faz-se aqui uma exposição geral de como é percebida e experimentada a imagem de Deus na modernidade³. Inicialmente apresenta-se a imagem de Deus como correntemente assumida pela Igreja e como opção junto à burguesia e, em seguida, faz-se uma avaliação básica procurando visualizar possibilidades concretas de um conceito oficial sobre o assunto.

Na sequência da reflexão, avalia-se o surgimento da burguesia, como também o grande conflito vivido na sociedade: da imagem de um Deus ausente, ao lado do surgimento da secularização⁴ dos tempos modernos, com a explícita negação de Deus.

2.1 O conceito de Deus que transparece no cristianismo tradicional

A sociedade está inserida em um contexto religioso no qual a representação da imagem de Deus vem emoldurada por um contexto histórico, cultural e social. Especificamente no mundo moderno ocidental tem-se proclamado uma imagem de Deus que, por ser Todo-poderosa e soberana, mostra-o como distante *lá no céu*, enquanto o povo está *aqui na terra*. Assim, o ser humano nasce e cresce ouvindo histórias bíblicas daquele que é o Criador e que, justamente por isso, *pode intervir na natureza e na vida humana*. Contudo, muito embora na teoria não se afirmasse isso com todas as letras, na prática o mundo moderno começa a perceber que não é bem assim e que, *agora, Deus não faz mais tanta falta*.

³ Uma descrição específica de modernidade deve levar em conta todos os fatores, bons (como as democracias liberais) e ruins (como por exemplo, a disseminada perda de significado). Alguns estudiosos como Max Weber e Jürgen Habermas afirmam que o que define especificamente a modernidade é algo chamado *distinção das esferas de valores culturais*, que significa a distinção da arte, da moral e da ciência. Antes, essas esferas se fundiam, mas a modernidade diferenciou-as e deixou que cada uma seguisse seu próprio caminho. Cf. WILBER, K. *A União da Alma e dos Sentidos: integrando ciência e religião*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 17.

⁴ É equivocado identificar o irreversível fenômeno da modernidade com a secularização. Isso leva a esquecer que pertence à modernidade tanto fomentar como contestar a secularização. A modernidade conheceu e está conhecendo uma tomada vigorosa da *vontade de crença*, pouco compatível com a lógica da secularização. Cf. LIBÂNIO, J. B. *Teologia da Revelação a Partir da Modernidade*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 89.

Diante disso, o grande questionamento de Andrés Torres Queiruga é que, teologicamente, o ateísmo é um dos maiores problemas do tempo presente. Além disso, é um fenômeno novo, pois na antiguidade não havia ateísmo e esta nova doutrina marca a sociedade ocidental⁵.

Talvez seja importante se perguntar se esta é uma realidade sul-americana, ou ainda mais propriamente brasileira. Será que entre os protestantes há sentido para uma avaliação desta natureza? A visão específica de fé está realmente produzindo ateus? Para M. F. Miranda

a valorização da subjetividade traduz uma corrente de pensamento já atuante antes mesmo de Descartes, o que implica numa consciência cada vez mais forte no sentido de considerar o ser humano como sujeito⁶.

Contudo é a versão imanentista dessa subjetividade que fecha o ser humano em si mesmo, despertando-o para o ateísmo. Visto por outro lado, essa *concepção exclusivista promove o individualismo religioso*⁷. O resultado disso é que, ainda que se perceba no humano uma busca exasperada pelo transcendente e, diga-se de passagem, com todas as formas e possibilidades religiosas, pode se questionar se, de fato, o ateísmo bate às portas da sociedade, uma vez que se observa que os templos estão cheios de pessoas desejosas pelas manifestações sobrenaturais e por milagres divinos⁸. O que não parece seja, de fato, o problema.

No entanto, quanto maior a visão de um Deus intervencionista, maior será o público a buscá-lo. Neste sentido é que se coloca aqui o grande desafio desta pesquisa, dado ser importante mostrar que, mesmo numa sociedade religiosa e pluralista, a percepção deturpada da imagem de Deus ainda traz grandes prejuízos para o desenvolvimento humano. Por esse motivo é que se dialoga neste trabalho com Torres Queiruga, uma vez que, independente de qual seja a forma de expressão do humano em relação ao

⁵ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 1993, p. 11s.

⁶ MIRANDA, M. F. *A Salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 28.

⁷ Cf. *Ibid.*, p. 28. Ainda sobre a *transcendência convertida em imanência*, cf. também RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 35s.

⁸ O sagrado aparece como o esforço do homem em compreender, controlar e tornar favorável tudo que se situa para além de seu saber, de seu poder e de sua esperança. O sagrado aparece como tentativa de conceber todo o universo como humanamente significativo, para nele poder se orientar e agir. A realidade transcendente é uma verdade que tudo explica, um poder ao qual nada escapa; é ela que arranca o ser humano de sua solidão no universo. Cf. MIRANDA, M. F. *Um Homem Perplexo: o cristão na atual sociedade*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 43.

transcendente, ainda que esse o negue, ou o busque intensamente, ou de forma infantilizada, sempre haverá alguma forma de se enriquecer com a imagem de Deus que ele faz.

Quanto à possibilidade de se negar a Deus, pode haver alguém que, em sua convicção teórica, negue a Deus, muito embora em sua vida e em suas atitudes pudesse estar afirmando-o. E, ao contrário, pode haver pessoas que confessem a Deus com os lábios, mas que com sua própria vida o neguem. Contudo, mais do que *negar a Deus*, o que muita gente nega é, na verdade, uma *ideia* de Deus⁹.

Por ora, é necessário compreender a preocupação do autor pesquisado, quando o mesmo busca uma resposta para o surgimento do ateísmo, enquanto forma de contribuição que dá uma resposta afirmativa no sentido de que Deus é a salvação do ser humano. Citando Martin Buber, em suas palavras, é isso o que ele chama de fazer a luz brilhar no *eclipse de Deus*, no mundo moderno¹⁰.

2.1.1

Possibilidade de um conceito de Deus na teologia corrente

Antes de prosseguir o tema é imprescindível questionar se é verdadeiramente possível a afirmação de um *conceito teológico oficial*. Para E. Bouzon¹¹, já no Antigo Testamento encontra-se aquilo que se pode chamar de *Instituição Oficial*. Era o que ele chamava de profetismo cúltico, no qual se encontravam os profetas legitimados por essa mesma *Instituição*. Contudo, havia também os profetas individuais, estes eram pessoas que se sentiam chamadas por Deus e autorizadas a falar em seu nome. Assim, pode-se dizer que a teologia oficial era a da realeza e do templo, a que manipulava a política e o culto de YHWH e era também duramente questionada pelos profetas que submetiam a religião oficial a uma verdadeira crítica teológica de sua ideologia¹².

Nos dias de Jesus encontrava-se o judaísmo oficial, o culto do Templo com seus sacrifícios que dominavam todo o pensamento religioso. No evangelho de João, as medidas tomadas contra Jesus e, conseqüentemente,

⁹ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Op.cit.*, p. 15.

¹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 12.

¹¹ Cf. BOUZON, E. O Profetismo no Antigo Oriente e no Antigo Testamento. In: BINGEMER M. C. L., YUNES, E. *Profetas e Profecias, numa visão interdisciplinar e contemporânea*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. São Paulo: Loyola. 2002. pp. 40s.

¹² Cf. *Ibid.*

contra os seus discípulos, aparecem ao lado do conceito de perseguição. O caráter religioso é claramente observado, pois em João 5,16 a transgressão de um mandamento da Lei (a santificação do sábado, por exemplo) foi a razão da perseguição de Jesus. Portanto, a perseguição de Jesus, relatada nesta passagem, refere-se a uma discordância do pensamento teológico da religião dominante¹³.

Assim, quando se afirma nesta pesquisa *Conceito Teológico Oficial*, afirma-se o que o autor pesquisado chama de *visão passada através dos séculos, via Igreja*, na qual se definia o certo e o errado, o que se podia e o que não se podia fazer. Dado que a Instituição *fazia tudo em nome de Deus*, a imagem de Deus que perpassava era a daquele que manda e proíbe, premia e castiga, que exige o espaço da vida, que é santo, sagrado e rejeita o que é mundano e profano¹⁴. Para ele, é preciso interpretar a situação institucional da Igreja, que por ter que se organizar na história e se defender do mundo, foi se contaminando com a dialética do poder ao invés do serviço¹⁵.

2.1.1.1

A Imagem de Deus na teologia da religião tradicional

Dentre as tantas vertentes desta imagem, uma que salta aos olhos é a do Deus que parece intacto. A mesma apresenta-se como uma imagem de escultura na qual a visão que ocorre nos séculos anteriores, ou seja, a forma como Deus foi descrito em cada época e cultura, parecia intocável. Desta forma, seria um sacrilégio questionar as ações desse Deus descrito pelos antepassados. Intocável e, ao mesmo tempo, descrito na Bíblia com um agir humano, com sentimentos e paixões. Como bem se exemplifica no versículo bíblico: “Yahweh também ficou muito enfurecido contra Aarão, querendo exterminá-lo...” (Dt 9,20). É o que J. I. Packer¹⁶ quer afirmar quando diz que Deus tem o controle sobre o mundo de forma direta e total.

Segundo Queiruga, quando Descartes propôs *duvidar de tudo* não o fez por mero capricho, mas antes por ser um visionário do seu tempo que

¹³ Cf. STEGEMANN, E. W. *História Social do Protocristianismo: os primórdios no Judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 2004, p. 273.

¹⁴ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Fim do Cristianismo Pré-Moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 17.

¹⁵ Cf. Id. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 31.

¹⁶ Cf. PACKER, J. I. *O Conhecimento de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 9.

constatava o fato de que todo esse mundo cultural e religioso tinha vindo abaixo e que era necessário reconstruí-lo, desde a base¹⁷. Assim, pode-se ver com maior clareza qual a *imagem de Deus* que está no fundamento de toda essa teologia e como o fenômeno da modernidade irá surgir como mudança radical frente a este paradigma.

No contraponto dessa percepção de um Deus tirano, o processo de modernidade terá como dinamismo irreversível a autonomia humana: física, social, econômica e política, passando pela psicologia e inclusive pela própria moral¹⁸. Nisso há uma grande descoberta: o ser humano é aquele que, por determinação de um Deus que cria por amor, é colocado no controle de todas as coisas (Gn 1,27, 28). O que deve ser visto como um processo legítimo e irreversível. Contudo essa legitimidade foi negada pela Igreja numa visão apologética que tentava defender a *imagem de Deus*, mas ao mesmo tempo causava enorme mal estar. Como afirma A. G. Rubio deve-se

reconhecer que a quase identificação da Igreja com o mundo antigo e medieval tornou extremamente difícil a abertura dialógica ao mundo moderno. Instalada na riqueza herdada do seu passado, a Igreja ficou predominantemente na defensiva, como se esse mundo não precisasse ser evangelizado a partir dele mesmo¹⁹.

2.1.1.2 Cosmovisão teocêntrica na teologia corrente

Essa visão de mundo só era cabível numa orientação racional antiga e em um universo teocentricamente ordenado. Diante de uma realidade radicalmente antropológica e onde a história se manifesta renovando conceitos, não há mais lugar para essa visão. Como existir, então, diálogo entre a Igreja e o mundo moderno?

Argumentando sobre a teologia tradicional como sistema, C. Palácio afirma que *as relações da Igreja com o mundo moderno estavam condenadas ao fracasso e o diálogo era impossível, porque se tratava de dois mundos culturais irredutíveis entre si*²⁰. Ou seja, eram dois ambientes completamente antagônicos. Por isso, o distanciamento e a ruptura foram inevitáveis. E,

¹⁷ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Op.cit.*, p. 18.

¹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 20.

¹⁹ GARCIA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 23.

²⁰ Cf. PALACIO C. *Deslocamentos da Teologia, Mutações do Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 17.

acrescenta: *moderno era tudo o que ameaçava a visão de fé que deu lugar à sociedade cristã tradicional* sendo, pois, um perigo para toda a segurança em que jazia a religião²¹.

A impressão que se tinha quando se rejeitava a Deus era que ele era apresentado dentro da religião como aquele que impedia o desenvolvimento humano. De modo que, se toda a ciência buscava soluções para as dificuldades e limitações do indivíduo, o que a religião fazia era afirmar o contrário, apresentando um Deus que induzia a negação do humano. Onde estava, então, a liberdade da pessoa? Seria possível usar a razão questionando tantos argumentos que já não mais se sustentavam? Neste sentido é que Ludwig Feuerbach²² expressa que *para se enriquecer a Deus, devia-se empobrecer o homem; assim para que Deus fosse tudo, o homem devia ser nada*. Vê-se, então, desta forma, o ambiente propício para o estabelecimento de um grande conflito.

2.1.2

O grande conflito: envolvidos por um Deus ausente

Ao mesmo tempo em que a religião pregava um Deus intervencionista os opositores buscavam desmascarar esta imagem com o próprio conteúdo de sua pregação. Infelizmente, basta olhar para o mundo religioso para se observar esse absurdo. Na prática é como se tudo procedesse da pessoa, ou seja, da maneira desta viver, da forma de pregar, de orar, de celebrar o culto. O que se levava a crer que a salvação é algo humano e que se *pode* conquistar. Conquistar por quê? Porque Deus está no céu, distante e inalcançável, inerte, até que se consiga movê-lo, ou demovê-lo com obras e sacrifícios²³? Será mesmo que Deus está distante de tudo criou? Conforme Queiruga, K. Barth²⁴ já dizia que isto não pode ser verdade, mas ao contrário: Deus está sempre junto de nós.

Este é um ponto que suscita longos questionamentos. Não é uma incongruência de Queiruga afirmar que, ao mesmo tempo em que se discorre sobre a auto-realização humana, Deus esteja em todo lugar. Ao contrário, este é um ponto chave de leitura e de compreensão da sua teologia e,

²¹ Cf. *Ibid.*, p. 18.

²² Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p. 30.

²³ Cf. *Ibid.*, p. 17.

²⁴ Cf. *Id.* *Fim do Cristianismo Pré-Moderno: desafios para um novo horizonte*. p. 16.

particularmente na visão protestante, o que dá toda ênfase à fé e à salvação pela graça, por isso a realidade não é diferente²⁵.

Há uma dualidade de pensamento. Isso é um fato irremediável e a mesma leva a humanidade à grandes conflitos. A. G. Rubio afirma que

no que se refere ao confronto entre a visão de homem e de mundo que foi fortemente influenciada pela civilização helênico-medieval, e às visões humanas e de mundo próprias da modernidade, os conflitos foram a tônica constante nos últimos quatro séculos²⁶.

Assim, para Queiruga e Rúbio os conflitos foram estéreis, uma vez que faltavam as bases para um diálogo mais fecundo. Vê-se, então, que a pregação é a de um Deus que cria e se propõe a abençoar o ser humano, mas que na vida prática está distante e é dispensável. Isso leva ao questionamento de qual foi o motivo que fez o cristianismo chegar a este estágio?

2.1.3

A secularização dos tempos modernos: a negação do Deus oficial

Para Queiruga a conduta das Igrejas²⁷ contribuiu com a criação de uma falsa impressão de Deus, ou seja, com a imagem de um Deus rival ao homem. Constata-se nas mesmas, uma oposição sistemática aos avanços da ciência que se choca com a ideologia eclesiástica²⁸. Pode-se perceber, aí, o que acontece em qualquer sistema dominante: o sistema disputa todos os espaços para desempenhar a proeminência. A religião não escapa desta conjuntura. Citando J. B. Libânio:

Se a primeira modernidade foi eclesiástica, a modernidade pós-cristã é antieclesiástica, anti-religiosa. Produziu vários efeitos sobre a religião. Privatizou-a, secularizou-a, racionalizou-a (deísmo), reduziu-a a um produto do ser humano (L. Feuerbach), destituiu-a de valor científico (cientismo), infamou-

²⁵ J. I. Packer diz no prefácio de sua obra *O Conhecimento de Deus* que a mentalidade cristã adaptou-se ao espírito moderno, gerando pensamentos humanos e deixando apenas pequenos espaços para pequenos pensamentos sobre Deus. Outra tendência que ele observa é que a mentalidade cristã vem sendo confundida pelo ceticismo moderno. Para ele é como se durante três séculos houvesse a presença de um fermento naturalista da perspectiva renascentista que age como um câncer no pensamento ocidental. Cf. *Ibid.*, p. 8s.

²⁶ GARCIA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 23.

²⁷ Embora a Igreja seja santa é também uma Igreja de pecadores. Como as Igrejas Orientais o Catolicismo Ocidental reluta em falar de uma Igreja pecadora porque entende que a Igreja é um sacramento. Entretanto não se pode negar que a conduta da Igreja tenha sido um escândalo para muitos. Cf. RAUSCH T. P. *Rumo a uma Igreja Verdadeiramente Católica*. São Paulo: Loyola. 2008. p. 162.

²⁸ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Op.cit.*, p. 31.

a (estádio teórico perempto: Comte), (alienação: Marx), (fraqueza: Nietzsche), (infantilismo: Freud), (demissão da liberdade: Sartre)²⁹.

O que dizer, então, das guerras das religiões do final do século XVI e início do século XVII, que W. Pannenberg³⁰ atribuiu como perda de credibilidade do cristianismo na sua função fundamental de unidade do Estado? Conforme afirma J. B. Libânio, se um Deus que se revela (ou é percebido) pelo cristianismo como uma fonte de discórdia, de oposição ao progresso, de conflito, de guerra, que destrói a paz social por meio da paixão religiosa, que se dividiu (e continua se dividindo) em facções que se combatiam, como podia cumprir sua missão de referente único³¹?

Outra questão atrelada a essa é: até onde vai a influência deste tema para a sociedade como um todo?

2.1.4 A influência e a dimensão deste tema

Vê-se, portanto, que a influência deste tema extrapola todos os limites da religião e do templo, como santuário de adoração e vai para além das manifestações particulares da religiosidade. É possível um assunto eminentemente religioso ter um alcance tão grande?

Para Queiruga esse *assunto* invade as ruas, o comércio, as relações internacionais, fazendo com que povos inteiros, de forma apaixonada, defendam suas visões sobre quem é Deus e o que ele quer que se faça. Dessa forma, *defender a imagem de Deus* parece ser mais importante do que qualquer coisa, até mesmo do que o próprio ser humano criado à imagem de Deus (cf. Gn 1,26), que, pelo simples fato de pensar diferente, pode tornar-se um risco para a fé, um inimigo e, por vezes, até seja necessário destruí-lo.

Além disso, a secularização indica a morte do mundo sagrado, sustentado pela fé e pela teologia, com todas as práticas, ritos, disciplinas e ensinamentos da Igreja. Diante de um mundo em pleno desenvolvimento e com profundas transformações socioculturais, aquilo que era sagrado parece pertencer a um passado religioso condenado à morte³². Mais uma vez A. G. Rubio afirma que

²⁹ LIBANIO J. B. *A Religião no Início do Milênio*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 122.

³⁰ Cf. *Ibid.*, p. 123.

³¹ Cf. *Ibid.*

³² Cf. Id. *Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 96.

no mundo moderno, na medida em que se alarga o horizonte intelectual do homem, verifica-se a progressiva perda da função da religião. A distinção antes tão nítida entre a Causa Prima (Deus) e as *causae secundares* (criaturas) tende a ser superada. Parece que as causas segundas se tornaram autônomas e predominantes, não permitindo a percepção da presença e da atuação da Causa Primeira³³.

A. G. Rúbio complementa que *faltou à teologia a humildade para se deixar questionar pelas dúvidas e pelas afirmações antropológicas próprias da civilização ocidental moderna*³⁴.

Com isso, estabeleceu-se até aqui a estrutura basilar da religiosidade moderna. Busca-se, daqui por diante, compreender como surgiu o conceito burguês do Deus do evangelho, em outras palavras tenta-se perceber como esta imagem se impregnou na memória da sociedade.

2.2 O conceito burguês do Deus do Evangelho

A presença de Deus está intimamente ligada às relações sociais e à forma como esta presença divina é percebida. Imagem essa, decisiva para a formação da consciência cristã. Porém, onde encontrar a manifestação dessa presença em sua plenitude? Parece que a experiência de Jesus e de seus ensinamentos são critérios definitivos para a configuração de uma consciência de fato cristã e que, por muito tempo, foram deixadas de lado. Queiruga insiste em afirmar que somente no Deus de Jesus – em Deus, tal como se revela na palavra, na ação e na vida de Jesus de Nazaré – é que não se sucumbe grosseiramente diante dos próprios ídolos³⁵.

Por isso, para o autor a inculturação burguesa do cristianismo é um problema. É necessário entender que cada época da humanidade elabora sua própria imagem de Deus e, porque não dizer que cada ser humano assim o faz? De fato é isso que acontece, embora nunca essa imagem seja perfeita e plena, pois o ser humano é limitado pela sua finitude e, justamente por isso, Deus o transcende e será sempre maior do que suas concepções.

Onde está, portanto, o mal ou o problema em ter-se uma imagem de Deus, uma vez que todos estão submissos a esta imposição das necessidades existenciais? O problema está em negar, ou ignorar os limites

³³ GARCIA RUBIO, A. op. cit. p. 34.

³⁴ Cf. *Ibid.*, p. 23.

³⁵ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p. 47.

da imagem de Deus, não em Deus mesmo, pois Ele é ilimitado. Quando se compara Deus com a imagem que Dele é feita, vem a tentação de se ter o controle do próprio Deus, que, a partir de então, é colocado a serviço dos próprios interesses.

Para Queiruga esta é a ameaça da *inculturação burguesa do cristianismo*: um Deus que está à disposição para abençoar e para servir aos que se configurarem no mesmo modo de pensar e de julgar e pronto a punir aqueles que a isto se opõem.

Durante toda a história da humanidade encontram-se episódios de dominação de uma cultura por outra, de um povo por outro, sempre tendo o aval de seu *deus*. Foram épocas, com certeza, piores que as de hoje, quando ainda se tinha uma compreensão muito limitada e o processo de conhecimento de Deus ainda estava em seus primórdios. Mas quando o autor aqui pesquisado fala a respeito da *terrível ameaça desse cristianismo*, ele se refere à época atual, porquanto se coloca em risco a responsabilidade da fé cristã, que deveria ser, no mínimo, amadurecida. Essa imaturidade cristã está convivendo num ambiente onde surge a burguesia que se coloca como pano de fundo para o surgimento da imagem de Deus na modernidade. E é isso que se verá a seguir.

2.2.1 A constituição da sociedade burguesa

Queiruga faz uma breve análise de como surge a sociedade burguesa, sumário desfigurado desse fenômeno histórico, como ele mesmo diz. Em seu livro *Creio em Deus Pai*, capítulo dois, vê-se a exposição clara e firme deste tema do qual não cabe aqui um estudo em detalhes, senão o repasse, como numa síntese, daquilo que foi tão bem elaborado.

Data-se de século XII o que se chamou de *Primeiro Renascimento*, após a primeira revolução do Ocidente. Neste tempo, os habitantes dos *burgos*, que eram principalmente artesãos e comerciantes, buscavam usufruir dos bens e dos privilégios da sociedade feudal. O crescimento das cidades, o ambiente de paz, a manufatura artesã e o comércio criaram uma sensação de otimismo, aumentando, assim, o bem-estar social e produzindo intenso florescimento cultural³⁶.

³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 49.

A burguesia, propriamente dita, nasce com o Iluminismo e se consolida no século XIX, como fruto de uma profunda inquietação e de um esforço continuado para universalizar a sociedade³⁷.

O que chama a atenção a respeito de todo esse processo é que a sociedade com os seus bens, cultura, modos de relação e de produção possuía um discurso de que *tudo pertencia a todos*, mas na prática não era assim que funcionava. Sempre havia, como ainda hoje há, um grupo que controla, domina e oprime os demais. Antes o grupo dominante era a monarquia unida à nobreza com a participação também do alto clero, agora o grupo é um pouco maior, mas ainda há dominação de uma classe inferior. Conforme foi surgindo a Modernidade, com suas novas ideias e sua nova sensibilidade, foi também surgindo a injustiça diante das situações e a necessidade de se fazer com que, de modo efetivo, a sociedade fosse realmente de todos. Aparecia, então, o desejo de romper o predomínio de um pequeno grupo sobre o corpo social inteiro. Em outras palavras, embora administrada por um grupo, a sociedade *devia* ser de todos, devia mudar as antigas estruturas, acabar com os privilégios e repartir equitativamente o produto social. Era o que pretendia a Revolução Francesa com a bandeira de *liberdade, igualdade e fraternidade*³⁸.

Mas a realidade, infelizmente, tornou-se totalmente outra. A revolução foi feita para todos, mas acabou nas mãos de uns poucos. Esperava-se que cada cidadão usufruísse desse privilégio de liberdade e de igualdade, mas o que se viu foi o burguês, tomando o monopólio daquilo que devia ser um bem comum a todos. Contudo, houve avanços na relação entre a nobreza e a burguesia e podia se contar com o trabalho, com a iniciativa e com a cultura, através das quais podia se romper as barreiras³⁹.

No entanto, houve fracasso do projeto utópico inicial: não se conseguiu a verdadeira universalidade. A burguesia que havia expressado e articulado as aspirações de todos e se apoiado nelas, se levanta sobre a sua situação anterior, mas se levanta sozinha, deixando debaixo de si toda uma camada social bem maior de camponeses, diaristas, trabalhadores. Isso era um avanço, mas à custa de reproduzir, em outro nível, uma estrutura injusta⁴⁰.

³⁷ Cf. *Ibid.*

³⁸ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p. 51.

³⁹ Cf. *Ibid.*

⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 52.

O ideal cristão de uma sociedade estava mais uma vez fadado ao insucesso, não por causa de seu não valor, mas pela visão daqueles que deturpavam a imagem do Deus cristão. Usurpava-se para si a visão de um Deus parcial, que abençoa parte da sociedade e não a todos. Tal situação fará surgir o espírito burguês.

2.2.2

O espírito burguês e o espírito cristão

É muito difícil atingir o ideal da sociedade ser de todos sem haver uma classe que detenha maior poder, maior riqueza, ou maior influência do que outras⁴¹. Nisto, pode se perceber que a fragilidade do espírito humano e de seu egoísmo tornam o ser humano enganoso. Neste sentido é que se questiona aqui qual seria, então, o espírito subjacente nesta nova classe social?

Para essa reflexão, num primeiro momento, considera-se a existência de um grupo que mantém sua particularidade, fechando-se à necessidade de outros. Conforme Queiruga, o próprio proletário do primeiro mundo é aquele que se converte, com toda a naturalidade, em explorador das massas do terceiro mundo; e todos os demais, mais ou menos confessadamente, diz ele, olham para os dias atuais ressentindo-se diante de um justo nivelamento de preços mundiais e de uma equitativa distribuição das riquezas⁴². Essa é a tendência da natureza humana. Como dizia o profeta Jeremias, “o coração é falso como ninguém, é incorrigível; quem poderá conhecê-lo?” (Jr 17,9). Assim, percebe-se que, por mais necessitada que seja, a natureza humana tende a ser egoísta e procura impor-se pela vontade do poder.

2.2.2.1

O espírito burguês secular

Conforme Andrés Torres Queiruga, a mentalidade burguesa – tipicamente pragmática, competitiva e depredadora – fortaleceu uma certa negatividade, dado que tal mentalidade constituiu-se de um processo rico e complexo, capilar e poderoso, que foi modelando toda a realidade social e configurando-a à sua imagem e semelhança. Assim, a economia e a política, a cultura e a religião, as formas sociais e o estilo de vida, foram caindo sob

⁴¹ Cf. *Ibid.*, p. 53.

⁴² Cf. *Ibid.*, p. 53.

uma influência onipresente. Tanto é que o século XIX irá culminar no liberalismo, que teve por sua máxima expressão no parlamentarismo e no campo político, uma proposta *laissez faire*⁴³ – que no fundo, irá vingar como a lei do mais forte, também no sentido econômico⁴⁴.

2.2.2.2

O espírito burguês cristão

O sentimento que permeava a religiosidade não era a de um cristianismo no qual o amor ao próximo se fazia a expressão da vida em união com Deus. Por isso, questiona-se, aqui, como a imagem de Deus fica num ambiente assim. Permanece inalterada e perfeita? Para responder a isso é necessário compreender que é possível a constatação de mudanças em relação à esta imagem de Deus, contudo há aspectos nos quais a mudança poderia ter sido ainda mais significativa, uma vez que se trata de um *Deus Pai* que se revela na Pessoa e na relação com Jesus de Nazaré. Contudo, na prática, diante da dualidade que aparece desde a origem da sociedade burguesa, diante da justa reivindicação do universal, diante do feudalismo e do injusto monopólio particularista frente às classes mais baixas e se vê que a Igreja responde semelhante à sociedade de forma, também, desigual⁴⁵.

Por isso Queiruga questiona a reação da Igreja e a forma como vai se configurando a concepção cristã do mundo diante desse processo histórico. Na verdade, ele faz uma distinção entre a experiência original, o *impulso profético* que chega a Jesus de Nazaré e aquilo que seria *institucionalização*, inércia histórica, hábitos e ideias herdadas. Também, o teólogo apela a que não se confunda o *corpo eclesial* enquanto conjunto do povo crente e *hierarquia*, dentro da Igreja. Para ele, se fosse possível perceber somente os primeiros pontos de cada distinção, particularmente no que diz respeito ao *impulso profético e ao corpo eclesial*, o resultado já seria diferente daquilo que se impõe como presença histórica dos outros dois elementos⁴⁶.

É importante, então, perceber como em meio a isso a Igreja, enquanto corpo de Cristo esteve sempre realizando seu papel. As grandes mudanças efetivas, os movimentos de renovação que foram norteados a história do

⁴³ Expressão com que se indica a não interferência do Estado em determinadas atividades econômicas de seus cidadãos. Cf. HOLANDA FERREIRA, A. B. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

⁴⁴ QUEIRUGA, A. T. *Op.cit.*, p. 54.

⁴⁵ Cf. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p.54.

⁴⁶ Cf. *Ibid.*, p. 55.

Ocidente, operacionalizados por pessoas de fé, com intenção cristã, bem como aquilo que se viu de melhor em todas essas mudanças históricas foram motivadas pelo impulso profético do cristianismo⁴⁷.

Percebe-se então que, diante da explosão do conflito, a Igreja enfrentou a revolução social num momento em que estava totalmente hierarquizada no institucional e retrocedendo no ideológico. A Reforma protestante vem influenciar decisivamente, pois o fracasso do Humanismo – fundamentalmente católico em sua intenção e em seus protagonistas – fez com que, pouco a pouco, fosse se concentrando no protestantismo grande parte dos impulsos renovadores. Assim, cada vez mais, a Igreja fica identificada com a hierarquia e tudo o que, como impulso renovador chega de baixo, tende a ser visto como ameaça à ordem e ao poder institucional.

No Concílio de Trento busca-se, sistematicamente, uma restauração teológica: a grande escolástica barroca não foi mais que uma edição para os séculos XVII e XVIII, da escolástica de santo Tomás, com as variantes de escola. O resultado é que todas as novas ideias apareciam sempre como suspeitas e no mau sentido, revolucionárias, embora entre as Igrejas protestantes tenha sido ligeiramente diferente⁴⁸.

Diante de tudo isso, Queiruga reflete sobre o surgimento da *grande tragédia do catolicismo moderno*. Conclui que a Igreja não soube articular a carência de uma renovação institucional e teológica com capacidade de resposta diante da novidade de um novo mundo que nascia. Isso levou a um divórcio fatal, que separará profundamente a Igreja das novas aspirações e do novo estilo. Confirma-se, assim, que a separação, para a grande maioria dos implicados na renovação da sociedade, fará com que Deus apareça como inimigo, fazendo surgir o ateísmo atual⁴⁹.

Queiruga compreende que a Revolução Francesa foi, de fato, a primeira tentativa de fazer com que os cidadãos, de alguma maneira, mandassem na sociedade, onde todos são livres e iguais e onde não há razão alguma para que uns sejam mais do que outros e vivam às custas desses⁵⁰. A Revolução Francesa não foi contra a Igreja, mas em suas ideias básicas houve inclusive a participação eclesial de leigos, clérigos e teólogos. Os conceitos de liberdade, igualdade e de fraternidade eram totalmente cristãos e, até mesmo, explicáveis desde o próprio Evangelho de Cristo. O que acontece, então, para

⁴⁷ Cf. *Ibid.*

⁴⁸ Cf. *Ibid.*, p. 56.

⁴⁹ Cf. *Ibid.*

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 51.

trazer tamanho estrago? Para ele a questão fundamental estava em não se estabelecer uma relação efetiva entre o impulso profético do cristianismo e entre o impulso ascendente da nova situação. Ao invés disso, dá-se uma relação maior entre o poder institucional eclesiástico e entre o poder reacionário, no âmbito político⁵¹.

A Igreja com privilégios, dinheiro e poder, alia-se à oligarquia do poder e à monarquia restauradora e, como presença pública e oficial, aparece cada vez mais unida à velha ordem político-social, opondo-se às novas liberdades. Isto explica seu progressivo distanciamento das conquistas modernas. Assim, apesar das diversas e meritorias intenções renovadoras, o movimento oficial marca-se com uma tônica fatal de retrocesso e rejeita o novo, enquanto questionamento do estabelecido, mas opta pela aceitação da sua influência, desde que esse novo venha de encontro ao *estabelecido*, renuncie à universalidade humana e configure-se como ideologia, privilégio e poder da classe burguesa⁵².

2.2.3

O rosto de Deus no cristianismo burguês

Diante do que se colocou acima, pode-se perceber que o rosto de Deus foi configurado sócio e economicamente neste período histórico da modernidade e, conseqüentemente, desfigurado da imagem revelada por Jesus de Nazaré. Contudo, neste momento não se fala da imagem de Deus no conjunto da modernidade, mas de um dos dois aspectos da descoberta moderna, do aspecto da autonomia social⁵³. A realidade social não é pura factividade que se precisa aceitar tal como ocorre, mas está entregue à livre configuração da responsabilidade humana. Neste sentido é que é importante compreender a *função* de Deus no novo mundo, assim configurado.

A dimensão social, segundo Queiruga e outros analistas,⁵⁴ é um dos vetores que marca mais profundamente a marcha do mundo e, quem sabe, até mesmo o mais importante. Essa dimensão é o modo como se situa a presença de Deus na trama das relações sociais e que vai decidindo a configuração da consciência cristã. Segundo o mesmo autor é necessário

⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 57.

⁵² Cf. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p.57.

⁵³ Cf. *Ibid.*, p. 46.

⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 47.

resgatar Jesus e seu Evangelho do cárcere no qual a concepção burguesa do mundo tende a encerrá-los⁵⁵.

Como já se tem afirmado, embora cada época elabore sua própria imagem de Deus, sabe-se que essa imagem nunca pode ser perfeita, justamente porque Deus transcende sempre o humano e é maior do que suas concepções e que seus comportamentos. No entanto, o mal está unicamente em negar, ou ignorar os limites da própria imagem, porque se sucumbe inexoravelmente à tentação de se *apoderar* de Deus, colocando-o, mais ou menos conscientemente, a serviço dos próprios interesses. Esta é a terrível ameaça da *inculturação burguesa* do cristianismo⁵⁶.

Diante dessa realidade histórica, a imagem cristã de Deus revelada por Jesus de Nazaré não fica incólume neste ambiente. Embora muito complexa, a estrutura essencial do cristianismo, neste tempo que emoldura a imagem de Deus, passou pela dualidade da emergente sociedade burguesa: justa reivindicação do universal diante do feudalismo e injusta monopolização particularista diante das classes baixas. A resposta desigual das igrejas diante desses elementos condutores não será acertada, na maioria das vezes⁵⁷.

2.3

A impregnação burguesa na imagem que corrobora o ateísmo.

A realidade da impregnação burguesa do cristianismo é algo que segue vivo e atual e afeta diretamente o presente. Por isso é importante compreender o período, antes de se fazer uma autocrítica. De fato, olhando de longe a história, tem-se a tendência de apenas criticar, mas colocando-se na realidade daquele momento, percebe-se o quanto era difícil esquivar-se do processo em construção.

Contudo, o Evangelho convida a, justamente não se deixar levar pela tendência ao mais fácil e acena também à conversão do rumo, sobretudo quando este se opõe à marcha do Reino de Deus, na sociedade humana. E é exatamente assim que o apóstolo São Paulo instrui a Igreja de Roma: *E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente...* (Rm 12,1). É sob este aspecto, que se deve fazer uma autocrítica

⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 47.

⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p. 47.

⁵⁷ Cf. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p. 54.

honesto, dado que a mesma constitui uma expressão verdadeira da conversão evangélica⁵⁸.

2.3.1 Dialética do pior com o pior

Seguindo essa reflexão, Queiruga questiona como foi possível haver, em tão grave medida, a funesta perversão das dialéticas do *pior com o pior*, ao invés de se compactuar *o melhor com o melhor*. Para ele, o primeiro fator a se destacar são as alianças de poder e de privilégio, dado o peso da instituição e de sua inércia. Em segundo lugar, constata-se a incapacidade teológica para assumir o novo⁵⁹.

Em todo o processo de libertação promovido pelo pensamento moderno, inclusive na Revolução Francesa, em sua intenção original, houve forte participação eclesiástica não só de leigos, mas também de clérigos e teólogos. Em seu nascimento, liberdade, igualdade e fraternidade são conceitos historicamente inexplicáveis sem o Evangelho, o que significa que houve muita influência cristã⁶⁰.

Contudo essa relação acaba percorrendo outros caminhos e não se firma efetivamente entre o princípio profético do cristianismo e o impulso ascendente da nova situação, mas sim entre o poder institucional no campo eclesiástico, particularmente nos privilégios do alto clero e no poder reacionário do campo político.

Esta dinâmica da dialética do *pior com o pior* mostra-se fatal. Os que se sentem atingidos com a ameaça da perda de privilégios adquiridos, agora se unem. A alta Igreja, com privilégios, dinheiro e poder, se alia à oligarquia do poder e à monarquia restauradora. É um esquema injusto em seu máximo grau, dado a enorme complexidade da situação e de seus fatores.

No entanto, é necessária a compreensão de uma linha fundamental para se entender a marcha global. A verdade é que a Igreja, enquanto presença pública e oficial aparece cada vez mais unida à velha ordem político-social e oposta às novas liberdades. Isto explica seu progressivo distanciamento frente às conquistas modernas e apesar das diversas e

⁵⁸ Cf. *Ibid.*, p. 58.

⁵⁹ Cf. *Ibid.*, p. 59.

⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p. 57.

meritórias intenções renovadoras, o movimento oficial marca-se com uma tônica fatal de retrocesso⁶¹.

2.3.2 A rejeição do melhor

Pode-se dizer que seria um paradoxo compreender como essa rejeição do novo, enquanto questionamento do estabelecido, caminha lado a lado com a aceitação maciça de sua influência, contanto que o novo passe a ser o *estabelecido*, ou seja, contanto que se renuncie à universalidade humana para se configurar como ideologia, privilégio e poder de uma classe: a burguesa. A rejeição do melhor se agrava com a assunção do pior⁶².

O que seria esse melhor que foi rejeitado?

Se existe a imagem de um Deus que se compactua com a falta de liberdade, com a injustiça social e com a desumanização do ser humano, não há o que se possa compreender de melhor. Nesse sentido percebe-se que o melhor que foi rejeitado é o antigo, como diz G. Gutiérrez: *o Deus de Israel fez da justiça e do direito os alicerces de seu reinado. Por isso, desde a primeira promessa feita a Abraão, Deus exige a prática da justiça e do direito* (Gn 18,18-19). Além disso, Javé se converte em um familiar de cada membro do povo judeu e reivindica seus direitos, em especial o direito à vida dos pobres e dos desvalidos. Esta entrada nos meandros da existência humana, longe de comprometer a sua santidade, destaca-a. Assim, a diferença entre Deus e o criado não é indiferença diante da história humana. Pelo contrário, os seus seguidores deverão refletir em si essa santidade para serem realmente solidários com os outros⁶³. Ao rejeitar esse Deus que é santo e essa santidade que se destaca na luta contra o mal social, o melhor da imagem de Deus também é rejeitado.

Olhando-se mais de perto, chega-se à conclusão que a debilidade interna de uma teologia restaurada e mal equipada para enfrentar a nova problemática, uniu-se à força externa da nova ideologia. A classe social que se conseguiu fazer com a economia e com o poder político acabou por modelar toda a sociedade. A burguesia poderosa, então, a partir do Iluminismo, possui uma dinâmica própria na consecução de seus sucessos.

⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 58.

⁶² Cf. *Ibid.*

⁶³ Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da Vida*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 45.

Ancora-se na crença geral do progresso e acaba por impregnar toda a mentalidade coletiva, impondo seu estilo e seus ideais⁶⁴.

Deste modo, diante do desafio fundamental que consistia na tradução atualizada dos princípios cristãos que estavam ante o fogo cruzado dos valores evangélicos e da nova racionalidade burguesa, isso foi decisivo. Diante dos resultados tem-se a impressão de que, em larga escala, a mentalidade burguesa conseguiu domesticar o fogo da tradição bíblica, embora, como afirma Queiruga, *nem tudo foi perdido*.

Depois das grandes ideias revolucionárias começa toda uma contramaré de retorno aos temas anteriores. Uma pregação incrivelmente ideologizada volta a justificar o fato de que haja pobres e ricos com uma desigualdade natural e desejada por Deus. Recorre-se, até mesmo, aos irrisórios e horríveis argumentos de que, assim, os ricos podem santificar-se dando esmolas e os pobres podem se mostrar agradecidos. Isso poderia parecer caricatura caluniosa, se não tivesse sido documentado em muitos dos mais citados e conhecidos pregadores da época⁶⁵.

Contudo, como em todas as situações de mudança de paradigmas, houve também reações e protestos. A mentalidade coletiva impôs a sua lei e nem a teologia nem a dinâmica institucional conseguiram escapar dela. Verdadeiramente se fez, uma vez mais, o pacto do *pior com o pior*. E não foram os elementos autenticamente evangélicos de gratuidade, de entrega, de fraternidade e de solidariedade com o pobre os que triunfaram. Antes, foram as ideologias de ortodoxia eclesiástica, de ordem e de fidelidade ao antigo regime. E nisso, é interessante notar que os *de fora* foram aqueles que, na ótica de Torres Queiruga, melhor viram tal equívoco.

Queiruga afirma que Proudhon⁶⁶ expressou-se com energia denunciando a manipulação da Igreja pelos interesses burgueses e a cegueira dos cristãos que não viam nada mais além do moralismo de superfície. *Como ateus, estavam equivocados*, pois como ele afirmava, não é ateu quem luta pela igualdade e pela justiça, ou quem busca a perfeição do humano; o verdadeiro ateu é aquele que “não quer ouvir falar do direito ao trabalho, abusa da providência, adora a fatalidade e faz da religião um instrumento da política: este é o materialista e o ímpio”⁶⁷.

⁶⁴ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, p. 59.

⁶⁵ Cf. *Ibid.*

⁶⁶ Cf. *Ibid.*, p. 60.

⁶⁷ *Ibid.*

Após tudo o que se disse até aqui, é possível perceber de modo claro as poderosas tensões que se aninham por debaixo da superfície do que se pode qualificar de cristianismo burguês. Isto é suficiente para alertar a que se julgue com critérios adequados a situação atual⁶⁸.

Sendo assim, chega-se ao fim deste panorama sobre a *imagem de Deus* lida na modernidade, com suas respectivas consequências para a reflexão teológica atual. Amparou-se, aqui, na abordagem histórica para, daqui por diante, passar a um segundo momento no qual se apresentará a visão do teólogo Andrés Torres Queiruga a respeito do tema, objeto específico da presente pesquisa. Crê-se, então, que ficou amplamente demonstrado o contexto histórico que contribuiu com a deturpação da imagem de Deus na modernidade que, por sua vez, trouxe enormes prejuízos para a vida humana, levando muitos questionamentos e desafios às gerações futuras.

Na sequência, se discorrerá sobre a imagem de Deus representada nas Sagradas Escrituras. Destaca-se que, embora inserida num mundo tão diferente do mundo bíblico incentiva a exigência de aprofundamento e de revisão para se fazer frente às perguntas que estão sendo elaboradas por homens e mulheres do tempo atual. Esta é a proposta de Queiruga.

⁶⁸ Cf. *Ibid.*